

REFIGURAÇÕES, CONTIGUIDADES E SEGREDOS: AS MÚLTIPLAS FACES HISTÓRICO-FICCIONAIS DE COLOMBO

REFIGURATIONS, CONTIGUITIES AND SECRETS: THE MULTIPLE HISTORICAL-FICTIONAL FACES OF COLUMBUS

Daniel Vecchio Alves¹

Resumo: Com base na noção de refiguração narrativa proposto por Paul Ricoeur (2010), neste artigo abordaremos sobre o histórico e o ficcional em suas peculiaridades configurativas e refigurativas, abordagem que vem desempenhando um papel ativo no processo de reestruturação heurística da narrativa ficcional contemporânea. Exemplo disso são as muitas representações literárias de Cristóvão Colombo que promovem uma releitura hermenêutica dos seus famosos diários, estratégia que permitiu a muitas narrativas hodiernas inferir sobre as diversas determinações históricas das quais possivelmente usufruiu a personalidade e o pensamento desse navegador. Como veremos, por meio de equívocos aparentemente intencionais, Colombo proliferou dúvidas geográficas, demonstrando indícios de que tentou enganar seus companheiros de viagem, assim como a realeza ibérica.

Palavras-chave: Colombo, indício, refiguração, narrativa contemporânea.

Abstract: Based on the notion of narrative refiguration proposed by Paul Ricoeur (2010), in this article we will approach the historical and the fictional in their configurative and refigurative peculiarities, an approach that has been playing an active role in the heuristic process of contemporary fictional narrative. An example are the many literary representations of Christopher Columbus which promote a hermeneutic rereading of his diaries, a strategy that allowed many contemporary narratives to infer about the various historical determinations that the personality and thought of this navigator possibly enjoyed. As we will see, through apparently intentional mistakes, Columbus proliferated geographical doubts, showing evidence that he tried to deceive his fellow travelers, such as the Iberian royalty.

Keywords: Columbus, traces, refiguration, contemporary narrative.

Introdução

Muitos escritores do período moderno e contemporâneo tentaram reconstruir a vida de Cristóvão Colombo e traçar sua imagem no passado colonial de modo minimamente confiável. Mas, quer o escritor recorra à ficção ou não, um conhecimento documental mais meticuloso é sempre muito exigido tanto por parte do autor quanto do leitor para perceber e explorar os subterfúgios semânticos dos registros oficiais e seus

¹ possui formação interdisciplinar nas Ciências Humanas: é Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde foi pesquisador da CAPES. Possui também formação na área educacional, com especialização em Docência no Ensino Superior pelo Senac-SP e com mestrado em Educação e Tecnologias Digitais pela Universidade de Lisboa (ULISBOA). Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa da FAPERJ / Pós-Doutorado Nota 10. Tem produzido teses e artigos nessas áreas e publicado em diversos periódicos científicos nacionais e internacionais. Seus interesses de pesquisa abrangem as relações entre História e Ficção, a História dos Imaginários, a História das Viagens Marítimas (incluindo sua historiografia), e a História da Literatura (com ênfase na História da Literatura de Língua Portuguesa). Na educação, suas investigações perpassam pela História da Educação, a Coordenação Pedagógica e as Tecnologias Educacionais.

elementos prefigurativos¹. Sendo assim, neste estudo, apontaremos que a abordagem literária de uma questão histórica, em contraste com muitas historiografias, pode promover uma efetiva e profícua atmosfera de interesse, criatividade e pesquisa.

Se tomarmos como exemplo as imagens de Colombo reveladas pela biografia romanceada de Jacques Heers (1992), que tenta comprovar que o navegador, antes de um herói, é um homem de sua época, veremos que tais imagens históricas são opostas às consagradas imagens que do almirante se produziram, ao longo do século XIX, nos diversos círculos intelectuais que investigavam a história da vida e dos feitos de Colombo, exaltando sua aura épica. Toda essa produção é feita em tom laudatório e exalta a figura do almirante, visando, superficialmente, ensinar a magistra história por meio de suas imagens extremamente ideologizadas².

Nos Estados Unidos, com a Guerra pela Independência (1775-1783), que culminou na libertação político-econômica de treze colônias inglesas da América do Norte, fazia-se necessário revisitar e questionar o passado dominado pela Inglaterra e, para tanto, era imprescindível pensar na devida literatura que proporcionaria um suporte estético e ideológico suficientes. A literatura, entre outros, tornou-se um dos grandes pilares para o processo de nacionalização dessas ex-colônias, convocando valores e modelos ideais da fundação civilizatória dos estadunidenses.

Configurar a imagem de Cristóvão Colombo como herói libertário da independência norte-americana, com todos os atributos de bravura, coragem e honra de um navegador que vive aventuras extraordinárias e vence todas as dificuldades que lhe são impostas, são objetivos alcançados, por exemplo, por James Cooper em *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840). A partir desse viés nacional, o interesse acadêmico e popular por Colombo cresceu tanto na América do Norte quanto na Europa, principalmente com a aproximação do quarto centenário da sua primeira viagem à América, “efeméride que culminó en dos colosales celebraciones del cuarto centenario en Madrid en 1892 y en Chicago en 1893. Años de preparación, millones de pesetas y dólares investidos” (RESTALL, 1992, p. 37).

O resultado desses investimentos foi uma gama de imagens históricas e ficcionais de Cristóvão Colombo elaboradas a partir de sucessivas circunstâncias e interesses de cada país e época. Esse conjunto de representações do navegador, que segue se transformando conforme as ideologias e suas representações da história, promovem novas análises dentro da questão colombiana, o que não deixa de sugerir novas reformulações narrativas e historiográficas sobre sua biografia.

Diante disso, no presente estudo, focaremos no processo de refiguração (recepção) dos registros de viagem de Colombo nos romances contemporâneos que se predispuseram

a tal. Inicialmente, é preciso ressaltar que foram muitos os romances produzidos no tema colombiano e, por isso, é preciso de muito tempo e muitos pesquisadores para averiguar quais obras literárias sugerem ou não um processo de refiguração dos diários e das cartas de Colombo, demarcando metafórica e analogicamente a relação entre as propriedades semânticas das fontes históricas e os dados contíguos de seus respectivos contextos político-culturais.

Quando nos voltamos ao contexto da produção literária do século XX na América do Sul, por exemplo, constatamos que o romance hispano-americano se volta para o personagem Cristóvão Colombo de forma opositiva à literatura norte-americana oitocentista, fazendo surgir um forte questionamento às produções canônicas de até então. É nas décadas de 1970 e 1980 que se reconhece o contexto de produção denominado de “novo romance histórico”, definição que Fernando Aínsa (1991) utilizou para identificar toda uma produção literária mais recente que, principalmente através da figura de Colombo, acusava a utopização (invenção) da América pelos europeus e norte-americanos³.

Segundo esse teórico, tais romances contemporâneos tendem a derrubar os paradigmas explicativos usuais do texto histórico, ou seja, o espaço e o tempo representados. Em suas reflexões, Aínsa observa duas tendências opostas presentes nos romances históricos contemporâneos: “Si la primera diferencia entre historia y novela histórica está marcada por la actitud y la intención del narrador, la orientación del contenido se precisa por el tratamiento de los materiales comunes que utilizan ambos” (AÍNSA, 1993, p. 18).

Diante desse tratamento documental, grande parte dos teóricos do romance contemporâneo de extração histórica, ao negar as características dos modelos tradicionais, imprime à modalidade de obras literárias traços que não superam essa dicotomia ainda utilizada por Aínsa (1991), por exemplo. Para definir uma obra literária de extração histórica como forma canônica ou conservadora, não basta sabermos se o discurso histórico esteja em seu primeiro plano ou não. É preciso saber, antes de tudo, como esse discurso é operado e integrado a outras instâncias discursivas, partindo de diferentes técnicas narrativas e diferentes estratégias de utilização do material histórico pela ficção. Do muito que já se produziu teoricamente sobre as ligações entre a nova narrativa hispano-americana e a história, pode-se perceber, ao menos, um denominador comum apontando para a evidência de que “no bojo do chamado *boom* da literatura hispano-americana explode também a produção de narrativas que tomam o histórico como intertexto ativo” (TROUCHE, 2006, p. 101). Nesse *boom*, o processo de reescrever a história não se limita a questionar a versão do passado transmitida pela historiografia e

pela literatura europeia canônica, tendo em vista uma descrição da história da América feita a partir de fontes e pontos de vista mais distintamente analíticos.

O professor André Trouche, ao analisar o sentido operacional e mesmo funcional desses conceitos em relação às ficções históricas mais recentemente produzidas na América, propôs também o termo “narrativas de extração histórica”. Esse termo, segundo o autor, serve para determinar o conjunto das obras de ficção do universo literário hispano-americano e sua “atitude escritural comum de transferir à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica” (TROUCHE, 2006, p. 44). Trouche justifica a necessidade do uso do termo para “estabelecer um paradigma abrangente que dê conta desta linha de força, abrigando o conjunto de narrativas que se constroem e se nutrem da matéria histórica, expressando uma mesma atitude escritural” (TROUCHE, 2006, p. 44), de modo a “não apenas recriar o passado, porém problematizá-lo e, por este meio, dar-lhe um novo sentido no presente” (FLECK, 2008, p. 143-144).

No caso da representação literária de Cristóvão Colombo, é a partir de *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier, que os romances passam a representar as viagens de Colombo de modo a explorar o monólogo interior, o fluxo de consciência, o jogo com os tempos narrativos, a presença fragmentada da história e a imersão verossímil no fantástico. Todos esses recursos são empregados na leitura e representação do passado sob perspectivas desconstrucionistas e refigurativas.

O tempo-símbolo do mencionado romance de Carpentier, em um primeiro instante, situa-se no período posterior à existência real de Cristóvão Colombo, quando, por intermédio do Papa Pio IX, dá-se abertura ao processo de beatificação do almirante. Ademais, no mesmo romance, apresenta-se uma autobiografia em que se revela um Colombo como um simples mortal, bastante distanciado do mítico e lendário herói celebrado pela historiografia oficial:

Se viene a colocar, pues, en un Oriente al que no quedaba más remedio que ser Oriente en tanto se pensó que existía un solo Oriente posible. Pero, como yo he llegado al Oriente navegando hacia el Poniente, afirmo que quienes tanto dijeron estaban errados, dibujando mapas fantasiosos, engañados por consejas y fábulas, porque, en lo que pudieron contemplar mis ojos hallo las pruebas de que he dado con el único, verdadero, auténtico Paraíso Terrenal tal como puede concebirlo un ser humano a través de la Sagrada Escritura: un lugar donde crecían infinitas clases de árboles, hermosos de ver, cuyas frutas eran sabrosas al gusto, de donde salía un enorme río cuyas aguas contorneaban *una comarca rica en oro* —y el oro, repito y sostengo, que allí yace en enorme abundancia aunque yo no hubiese sido favorecido por el tan esperado *golpe* — [...] (CARPENTIER, 1979, p. 70).

O que se percebe nitidamente é um empenho especial do autor em nos apresentar os matizes imaginários de Colombo, revelando-nos um ser humano como todos os outros que enfrentavam a mesma empresa marítima. Metaforicamente, poderíamos dizer que a “arpa” e a “sombra” equivalem, nesse romance, à grandiosidade do projeto de santificação de Colombo e às dúvidas assombrosas de Pio IX quanto às reais possibilidades de efetivação de tal projeto de canonização, que estava ameaçado principalmente pela sua tentativa de omissão (sombas) de uma série de acontecimentos históricos que dessacralizavam a imagem do navegador.

Na primeira parte dessa obra literária, uma espécie de biografia de Pio IX é desenvolvida, na qual se revelam suas segundas intenções quanto ao projeto de canonização de Colombo, não passando tal projeto de um embuste para o seu enriquecimento pessoal. Esse ponto reforçou o caráter corruptivo envolvendo os processos de beatificação e comemoração desse e de outros navegadores modernos:

En 1851, cuando él, Pío IX, después de haber pasado por el arzobispado de Espoleto, el obispado de Imola, y de haberse tocado con el capelo cardenalicio, no llevaba más de cinco años elevado al Trono de San Pedro, había encargado a un historiador francés, el conde Roselly de Lorgues, una *Historia de Cristóbal Colón*, varias veces leída y meditada por él, que le parecía de un valor decisivo para determinar la canonización del Descubridor del Nuevo Mundo. Ferviente admirador de su héroe, el historiador católico había magnificado las virtudes que agigantaban la figura del insigne marino genovés, señalándolo como merecedor de un lugar destacado en el santoral, y hasta en las iglesias —cien, mil iglesias... —, donde se venerara su imagen (imagen harto imprecisa hasta ahora, ya que no se tenían retratos suyos —¿y con cuántos santos no pasaba lo mismo?— pero que pronto cobraría corporeidad y carácter gracias a las investigaciones guiadoras de algún pincel inspirado [...]) (CARPENTIER, 1979, p. 70).

Na segunda parte do romance de Carpentier, temos um longo monólogo de Colombo em tom confessional. Nesse momento, o almirante encontra-se no fim da vida, abandonado num quarto humilde, esperando pelo seu confessor. Colombo tenta se convencer a revelar, ante a morte iminente, as verdades de sua história. Nesse diálogo consigo mesmo, chega à conclusão de que já não há mais necessidade de esconder a história e manter as aparências, lembrando que foi necessário, para manter a áurea de sua empresa marítima, manipular e fingir por muito tempo. Como é possível observar abaixo, os indícios mentais e comportamentais desses atos corruptíveis marcam presença, também, ao longo de todo o diário da primeira viagem de Colombo à América:

Por ello, me resolví recurrir a la mentira, al embuste, al perenne embuste en que habría de vivir (y esto si lo diré al franciscano confesor a quien

ahora espero) desde el domingo 9 de Septiembre en que acorde contar cada día menos leguas de las que andábamos porque si el viaje era luengo no se espantase ni desmayase la gente. Y ya el lunes habiendo andado sesenta leguas, dije que solo habíamos adelantado cuarenta y ocho (CARPENTIER, 1979, p. 44)

No jogo de dualidades entre história/ficção e realidade/mentira que se estabelece ao longo de *El arpa y la sombra*, Carpentier não só problematiza a história do navegador, como também consegue criar uma interpretação ponderada incluindo detalhes de seus registros e contextos. Obviamente, o texto de Carpentier não é inteiramente constituído por refigurações dos dados contidos nos diários de Colombo, mas traz, em pontos específicos, reinterpretações à luz dos documentos para promover seu círculo de análises e inferências ao longo da narrativa romanesca.

Com efeito, parece necessário esclarecer que não se trata, aqui, de apenas propor que o romance substitua a historiografia ou ser considerado como entretenimento. É evidente que a historiografia fundamenta sua especificidade numa série de propriedades documentais que o romance contemporâneo não precisa explorar ou respeitar, mas também é evidente que esses padrões não bastam para representar a realidade caótica, múltipla e infinita com que nos deparamos em muitas fontes escritas. Nesse sentido, a carnavalização e a ironia, amplamente reconhecida pela crítica literária contemporânea, devem ser entendidas em seu todo integrado e paradoxal, visto que o romance contemporâneo ultrapassa as fronteiras entre história e ficção, teoria e prática, produzindo uma espécie de simbiose entre uma e outra.

Pode-se, portanto, argumentar, com base em Carpentier e outros autores, que a ficção histórica e a historiografia contemporâneas não são equivalentes, mas estão ligadas pela revisitação aos registros que promovem, de caráter refigurativo. Todavia, o que parece ocorrer é que muitos entusiastas da revisão da história, por meio da antiga etiqueta do romance histórico, por vezes desconhecem a própria heurística das narrativas ficcionais, além de ignorarem os resultados das investigações historiográficas para reconhecer, via romance, os dados que foram ou não refigurados. É justamente com base nesses aspectos que este estudo adentra de modo conceitual e analiticamente a partir dos tópicos seguintes.

Cristóvão Colombo e a questão da manipulação dos “vencedores”

Refigurar a história das navegações coloniais é um trabalho que diz respeito ao ofício tanto do historiador quanto do ficcionista. Exige de ambos certas sutilezas na

interpretação das fontes, o que requer muitas vezes uma pesquisa minuciosa que vai da história das técnicas de navegar aos imaginários da tripulação. Assim, partimos da hipótese fundada na expectativa de uma observação atenta e comparativa de determinadas narrativas ficcionais, que apresentam uma sensível unidade em sua estrutura, construída a partir de “uma atitude escritural comum de transferir à ficção o questionamento da experiência histórica” (TROUCHE, 2006, p. 21).

O desenvolvimento do trabalho contempla uma reflexão teórica sobre as relações entre a história e a ficção com um duplo objetivo: dar maior precisão aos conceitos que serão operacionalizados e contextualizar a pesquisa no quadro teórico tomado como referência e ponto de partida conceitual, evidenciando, assim, o estudo específico do processo de refiguração narrativa proposto por Ricoeur (2010). Logo, o histórico e o ficcional, em suas peculiaridades e diversidades configurativas e refigurativas, vêm, ao longo do tempo, desempenhando um papel de intertexto ativo no processo de reestruturação ficcional da narrativa.

Exemplo disso é a imagem de Cristóvão Colombo, espécie de catalisadora da psicologia das épocas, como em 1992, ano comemorativo do quinto centenário da sua primeira viagem americana. Enquanto a porção norte do continente celebra Colombo como grande herói, lugar-comum na poesia do século XVIII e na narrativa romanesca do século XIX, “os povos hispano-americanos só passam a explorar esta temática com o advento do quinto centenário da primeira viagem de Colombo, já sob as perspectivas transgressoras do modelo canônico europeu” (FLECK, 2008, p. 74).

Com configurações bastante distintas daquelas românticas e idealizadoras imagens de Colombo cultivadas pela literatura anglo-saxônica desde o século XVIII, tais produções literárias hispano-americanas garantem aos povos silenciados no passado a conquista de um espaço ficcional no qual as múltiplas vozes emudecidas podem enunciar suas visões desmistificadoras desse mesmo passado celebrado com louvor pelos europeus e estadunidenses. Portanto, inserido no contexto do século XX, a ficção histórica hispano-americana se volta para a temática das viagens coloniais com propósitos opostos aos dos países europeus e anglo-saxões, fazendo aparecer uma forte oposição às produções canonizadas até então: “Não apenas na configuração das personagens e no discurso exaltador essas mudanças se efetuam, mas também nas técnicas narrativas, nas estratégias e recursos empregados pelos narradores e na utilização do material histórico pela ficção” (FLECK, 2008, p. 63).

Desse modo, muitos dos romances mais recentes vão reconstituindo a história do “descobrimento” da América e sua própria história por meio do entrecruzamento de

discursos e de diferentes versões sobre os fatos históricos. Por conseguinte, novas imagens de Colombo trazem à tona muitas das vozes sufocadas ou omitidas pelos registros oficiais. Grutzmacher (2009), por exemplo, fala de novelas dominadas pela “fuerza centrípeta” (imprimindo a verossimilhança dos registros) e outras que respondem aos impulsos da “fuerza centrífuga”. É adentrando no primeiro tipo designado por Grutzmacher que nos defrontaremos com o Colombo ficcional de *El último crimen de Cólón*, romance escrito por Marcelo Levinas (2001), que analisaremos no último tópico deste estudo.

Trata-se, o Colombo de Levinas, de um personagem marcado por um raciocínio apurado e um conhecimento profundo das mais diversas áreas do conhecimento cultivadas em sua época, porém tal personagem também é acompanhado de profundas falhas morais e humanistas que o levam a cometer crimes e dissimulações, como veremos mais adiante. Frente a sua variação de representações, no entanto, a releitura hermenêutica dos registros do Colombo histórico permitiu a muitas narrativas ficcionais representar as características comuns que podem ter determinado historicamente sua personalidade e o seu pensamento, cercando mais inferencial e analogicamente suas possibilidades de ser e agir no passado.

Como veremos adiante, por exemplo, muitos acreditam que, por meio de cálculos confusos e dissimulações, Colombo proliferou o mistério sobre suas viagens e sua vida, permitindo a dúvida sobre suas derrotas, suas origens e, também, sobre suas viagens, munidas de erros intencionais que lhe teriam servido de estratégia para favorecê-lo econômica e politicamente. Os motivos por trás dessas verossímeis manipulações são muito complexos. Colombo não registrou apenas dados técnicos e definitivos para exaltar sua imagem e salvar sua fama, mas, também, indícios de que tentou enganar seus companheiros de viagem, seus inimigos e concorrentes.

O almirante frequentemente discordava de grandes nomes da época, como o rei de Portugal ou a corte espanhola, e esperava que pudesse se vingar dando a eles informações equivocadas. Portanto, muitas pesquisas recentes apontam que Cristóvão Colombo não escreveu para fornecer dados concretos, mas para enganar seus servidores, os espiões, seus financiadores e seus leitores (VARELA, 2010; GIL, 1987, VAN DER GUCHT, 2013). Segundo Van Der Gucht, por exemplo, “las pistas que el descubridor dejó tras de sí son tan confusas y fragmentarias que detrás de ellas tiene que esconderse mucho más que la desaliñada mezcla de verdad y ficción que sabemos de él, [...]” (VAN DER GUCHT, 2013, p. 53).

Nesse traçado dissimulador de sua personalidade, marcado por registros e acontecimentos omitidos ou alterados, encontramos contiguamente um Colombo desconfiado e preocupado com todos a sua volta. No primeiro diário de viagem, Colombo manifesta constantemente sua preocupação com a obediência da tripulação, escondendo informações para não sobressaltá-la, além de não ter registrado um só motim. Ao chegar na América Central, seu comportamento manteria tal linha de ação, ao resolver, por exemplo, manter sua identidade oculta aos primeiros nativos encontrados, deixando os indígenas enganar-se.

Nesse embuste em específico, alguns índios, inicialmente em diálogo com os europeus, teriam acreditado na divindade deles, mantendo a falsa crença de que os europeus teriam vindo do céu. Essa crença ocorre até que, na segunda viagem, Colombo explica a um cacique que ele servia aos governantes de um reino terreno distante, informação que parece ter surpreendido os seus líderes:

E o índio, muito maravilhado, replicou ao intérprete, dizendo: ‘Como? Esse almirante tem outro senhor e lhe presta obediência?’ E o intérprete índio disse: ‘Ao rei e à rainha de Castela, que são os maiores soberanos do mundo’. E ato contínuo recontou ao cacique e ao velho e a todos os outros índios as coisas que vira em Castela, e as maravilhas da Espanha, e lhes falou das grandes cidades e fortalezas e igrejas, e do povo, e dos cavalos, e dos animais, e da grande nobreza e opulência dos soberanos, e dos grandes senhores, e dos tipos de alimentos, e das festas e torneios que vira, e das touradas, e do que aprendera sobre as guerras (GREENBLATT, 1996, p. 104-105).

Para Greenblatt, era possível que Colombo visse no maravilhamento dos índios uma fonte potencial de poder. Segundo o mesmo estudioso, outros escritores do mesmo período demonstram que esse maravilhamento poderia favorecer a dominação de grupos, como, por exemplo, foi demonstrado na carta de Hieronymus Müntzer a D. João II (1493): “‘Ah, que glória alcançaríeis se fizésseis o habitável Oriente conhecido do Ocidente, e que ganhos não vos dariam seu comércio, porque faríeis essas ilhas de Oriente tributárias, [...]’” (GREENBLATT, 1996, p. 105).

Como já apontado, Colombo manteria seu escudo de enganos e dissimulações mesmo entre seus pares. O almirante não só teria falsificado assuntos pessoais, como, também, informações náuticas, juntando um conjunto de dados que se mostram confusos e incoerentes já para os primeiros copistas como Las Casas e outros cronistas de sua época. Em resumo, constata-se que os dados náuticos registrados no diário da primeira

viagem de Colombo são cada vez menos esclarecedores, o que nos permite levantar alguns novos questionamentos sobre a famosa viagem de 1492:

Diario de a bordo (1492). Sin embargo, se constató que el libro contiene gran número de irregularidades. La ruta que describe Colón no correspondería con el trayecto que realmente ha recorrido. El profesor Coín que participó en la investigación afirma que el descubridor dio intencionalmente información errónea (Dyson y Christopher 1991:15). Así pues, Colón explica que a la salida navegó al oeste de las Islas Canarias, pero en realidad zarpó hacia las islas de Cabo Verde poniendo inmediatamente proa al sur desde España. Siendo un hombre con experiencia en el mar, sabía que tenía que seguir esta ruta para poder aprovechar de corrientes favorables y de los vientos alisios que sobre todo en el verano eran muy vigorosos de modo que podían guiar sus naves hasta el Caribe. Pero, ¿por qué no admite que navegó hacia Cabo Verde? (VAN DER GUCHT, 2013, p. 42).

Tudo indica que Colombo tomou caminhos diferentes em relação às rotas registradas em seu diário de bordo. Qual é a razão desse desencontro? Escapar de uma possível prisão pelo tribunal português por ter roubado informações ou quebrar antigos acordos marítimos entre os reinos ibéricos ou driblar as forças portuguesas que podiam estar à espera de Colombo no mar para matá-lo ou prendê-lo numa próxima viagem? Além disso, era muito possível que o navegador também quisesse enganar a corte espanhola.

Na opinião de Van Der Gucht (2013, p. 43), Colombo pretendia manter a descoberta da verdadeira rota das especiarias oculta para se apropriar de suas vias secretas e permanecer com todas as riquezas encontradas. Como consequência, ele teria sido forçado a falsificar os dados de seu próprio diário. Mario Hernández Sánchez-Barba, outro estudioso dos registros de Colombo, estima que a causa desses enganos pode estar associada a um grande segredo que o navegador carregava consigo (o que nos remete ao ato confessional do personagem Colombo em *El arco y la sombra*, de Carpentier), como o expõe nas seguintes linhas:

Toda la vida y la acción histórica de Colón bascula, gira y se promueve en torno a su secreto, que implica una doble posición, un desdoblamiento en las vivencias emocionales [...] Tal secreto consiste en la información recibida por Colón, bien directamente, bien en los papeles de su suegro Perestrello, de un piloto anónimo o protonauta sobre el mundo al que navegó Colón como “descubridor”. El secreto – que sólo reveló bajo sigilo sacramental a fray Antonio de Marchena – obligó a Colón a mantener un desdoblamiento constante en sus reacciones y expresiones, una especie de disimulo permanente que, sin embargo, se manifiesta de un modo inevitable en sus escritos (SÁNCHEZ-BARBA, 1978, p. 23).

Em função dessa e outras características, a confiabilidade do *Diário* já foi tema de debate muitas vezes e esse problema costuma estar associado a uma série de questões extratextuais que dirigem o leitor à estrutura multifacetada do texto. Para a análise prática dessa fonte histórica, é preciso adentrar nos amálgamas entre verdade e imaginário que a constitui, considerando, sobretudo, a multiplicidade de vozes e significados gerados por esse registro histórico. Isso deve principalmente ao fato de que o manuscrito do diário da primeira viagem de Colombo às Índias Ocidentais, que teria sido entregue aos Reis Católicos logo após ao fim da jornada, acabou desaparecendo dos arquivos da corte espanhola. Deles restaram apenas notícias de algumas cópias, sendo a cópia mais conhecida a que foi recompilada por frei Bartolomé de las Casas em sua famosa *Historia de las Indias*.

Somente por meio dessa cópia é que boa parte do seu conteúdo sobreviveu. Em síntese, sobre esse caráter fragmentário e plural de tão significativa fonte histórica, é preciso, antes de tudo, salientar que as observações de Las Casas, os embelezamentos de Fernando Colombo e a possibilidade de um copista não familiarizado com a navegação são alguns dos elementos que podem nos ajudar a entender e posicionar melhor certos desencontros do primeiro diário, mas mesmo assim ainda é preciso perguntar: quais outros elementos duvidosos compõem seus registros? É o que veremos a partir do próximo tópico, especificamente com a análise de um importante romance contemporâneo que nos propõe outra sugestiva e mais densa refiguração (nos termos ricoeurianos) dos diários da histórica viagem de 1492-93.

O imaginário como estratégia de manipulação em El último crimen del Colón, de Marcelo Levinas

Neste tópico, adentramos na refiguração do personagem Cristovão Colombo em *El último crimen de Colón* (2001), romance do escritor Marcelo Levinas⁴. Tal obra literária de extração histórica ajusta-se ao propósito discursivo de muitas outras ficções históricas hispano-americanas, que é demonstrar que os registros históricos do passado foram efetuados segundo as conveniências da ocasião. Porém, veremos que a obra literária apresentada se assenta em propósitos mais detidos da história. Diante da possibilidade de refigurar os registros colombianos em seu campo semântico e contextual, o Colombo de Levinas “sentía un irreprimible deseo de manipular[los]. [...]. Le fascinaba el poder que suponía tergiversar los hechos, imponer como si fuera Historia lo imaginado por encima de lo sucedido” (LEVINAS, 2001, p. 53).

Tal refiguração narrativa destoa completamente das imagens edificantes da história tradicional e se aproxima mais detidamente das marcas configurativas do diário. Na viagem refigurada pelo narrador de Levinas, os marinheiros frequentemente ficavam inquietos, duvidando das ideias “atrapalhadas” de seu almirante, a exemplo dos eventos insólitos da natureza que são registrados no diário histórico, como a observação de astros em movimentos no céu e as áreas de instabilidade do campo magnético. Em 1492, qualquer sinal que se desenhava no horizonte de uma tripulação marítima transformava-se em mal presságio. Os marujos pareciam temer a todo instante que a obstinação de Colombo e sua vaidade pessoal lhe subissem a cabeça:

Estamos a muchas leguas al Oeste... - dijo, en efecto, el hombre en la oscuridad de la bodega –, aquí son las seis de la tarde y allí son las ocho de la noche, y entonces estamos a treinta grados al Oeste. -¿Por qué? – preguntó Colón con recelo, a pesar de que esos treinta grados, como toda indicación, no significaban nada. [...]. Sin embargo, Colón temió que para calcular la distancia, el marinero hubiese empleado algunas cantidades eventualmente sugeridas por Zuñiga provenientes de los cálculos de Erastóstenes y que no fuesen las de Toscanelli, que eran las que Colón le mostraba a la tripulación para engañarla. En eso recordó que Zuñiga ya lo había matado y que debía estar tranquilo porque nadie había sospechado nada (LEVINAS, 2001, p. 84).

Segundo o narrador da obra, a possibilidade de recontar e reescrever a primeira viagem de Colombo à América ocorre, como se anuncia no final do romance, devido à descoberta dos primeiros escritos de Colombo, que, segundo o próprio navegador nos relata, foram lançados ao mar em 14 de fevereiro de 1493, na tempestade que fustigou a tripulação na viagem de retorno à Espanha. Portanto, valendo-se dos registros do *Diário* oficial de Colombo, o narrador menciona informações que seriam provenientes de um outro diário – o diário privado de Colombo:

Em su Diario, reconoció, impertubable, una mentira, como tantas otras. Escribió que en esa jornada, 17 de septiembre y lunes, *navegó a su camino al Oeste, y anadaria en día y noche cincuenta leguas y más*; admitindo que a todos les decía cuarenta y siete. Esta verdadera cuenta lo conservió en total secreto, para que sólo fuese conocida una vez que leyeron el Diario. Pensaba su Diario como una crónica fiel de todo aquello que viniese en gana contar, que le conviniera referir; incluso esa información que, por ser incoviniente, ni las tripulaciones, ni los que estaban al mando de la Pinta y la Niña debían conocer. Y también una crónica infiel, que incluía muchas mentiras, un novedoso género del relato. Cada vez que escribía el Diario, imaginaba al lector – casi siempre su reina –, recriando con los ojos una epopeya original (LEVINAS, 2001, p. 84).

Entre representações imaginárias e intertextuais, e tendo por base um discurso multifacetado, o leitor do romance é posto diante de novas perspectivas da primeira viagem colombiana por meio das marcas refigurativas do *Diário de bordo* explorado pelo narrador. A refiguração se faz presente por meio dos mecanismos interpretativos e miméticos que submetem o processo de prefiguração e configuração das fontes escritas por Colombo a novas análises, refigurando tanto seu *Diário* oficial, como os referenciados registros privados e perdidos do navegador, revelando, assim, o modo como, na história, anotam-se os fatos “desejados” e se ocultam os “ocorridos”: “En cambio, el pasado se podía desmentir completamente porque era lo más indefenso del tiempo. La Historia se desdoblaba: parte era lo que había sucedido, parte lo que se había contado de ella, la última se hacía más real” (LEVINAS, 2001, p. 79).

Nessa trama narrativa, Colombo é obrigado a assassinar várias pessoas para que seus segredos não sejam revelados, validando, assim, as informações contidas nas páginas de seus diários. Tais ocorrências, como as brigas e os motins, nunca fazem parte consideravelmente dos registros oficiais. O romance, no entanto, revela também o quão tais omissões afetavam a psicologia do almirante, que “[...] sentía cómo, de manera inevitable, sus intrigas y su secreto cambiaban los sucesos del pasado. El *Diario* que escribía era la mejor muestra de ello. Porque nadie podría conocer ese pasado que era el presente de Colón; solamente él” (LEVINAS, 2001, p. 129).

Quando os limites históricos dos registros ganham, no romance, a possibilidade de se automostrar, ele, inevitavelmente, sugere ao leitor um núcleo de possibilidades inferenciais, a partir dos quais o romance passa a trilhar suas representações não menos confiáveis, e não menos suportados pelos indícios das fontes. No romance de Levinas, além do autor e do leitor, a representação exige mais um participante no diálogo: a história. De fato, a história é a principal protagonista dessa obra e, também, embora isso pareça desconcertante, a principal vítima da intriga, a sofrer o crime de omissão e dissimulação.

A ideia central do escritor de *El último crimen de Colón* é baseada na suposição de que, com uma navegação mapeada e certa, Cristóvão Colombo acessou e referenciou certos itinerários antigos que já não eram mais bem conhecidos ou não eram mais bem aceitos por confundir seus superiores. Essa suposição é feita por seus certos movimentos marítimos rumo às Antilhas, a maior porção de ilhas do Atlântico, em paralelo ao imaginário conjunto de ilhas da China e do Japão descrito por Marco Polo em seu *Livro das Maravilhas*. Não se trata propriamente de delinear de forma plena as informações secretas de Colombo, como diz a lenda do piloto anônimo defendida por

antigos cronistas, como Oviedo. Mas é como nos diz o próprio autor do romance em análise: “La intención era ofrecer una versión alternativa de su vida, en muchos pasajes incluso opuesta a la ‘oficial’. [...], ofreciéndose una original interpretación de lo que había quedado documentado [...]” (LEVINAS, 2009, p. 96).

Segundo Marcelo Levinas, a documental suspeita atribuída a Colombo por ter omitido e dissimulado dados geográficos inacessíveis e secretos, pode ter influenciado na forma de ser e pensar do navegador, verossimilhança essa que implicou em aguçar, no personagem, alguns aspectos de seu caráter intelectual e ambicioso. Nesse sentido, o autor nos oferece uma mais verossímil caracterização histórica de sua personalidade, resultando numa representação mais compatível com a interpretação que pode ser realizada a partir dos registros disponíveis e produzidos na época: “De esto resultó un personaje sagaz y calculador, complejo y contradictorio, astuto e inteligente, pero también sumamente sensible” (LEVINAS, 2009, p. 96).

Em artigo que comenta o próprio romance, Levinas afirma que “La filosofía me ha servido para [...] acceder a las creencias predominantes en la época de Colón, investigar sus antecedentes y su perspectiva en el tiempo” (LEVINAS, 2009, p. 97). Por conseguinte, para Levinas, há um principal fundamento histórico que determina a criação de seu Colombo ficcional:

una incontenible necesidad de apropiarse de la historia como fuera. Precisamente, su hazaña fue rediseñada en función de tal necesidad. La verosimilitud del relato basado en hechos aceptados y en una ambientación muy estudiada, hizo que yo mismo experimentase la sensación de que la novela prefiguraba el fiel reflejo de los acontecimientos que se habían producido, aun sabiendo que eso no podía haber sido así... O sea, intenté reflejarme en un lector desconfiado pero finalmente convencido (LEVINAS, 2009, p. 97).

Marcelo Levinas, em *El último crimen de Colón*, se lança ao desafio de narrar a primeira viagem de Colombo à América de modo a percorrer as características do *Diario de bordo* do almirante, sugerindo possíveis cruzamentos entre dados de registros perdidos e o campo semântico do registro oficial que sobreviveu até nosso tempo. É desse modo que o discurso exaltador das maravilhas do Novo Mundo que marca as linhas do documento oficial adquire, no romance de Levinas, outro ponto de vista, apresentando-se como um elemento suportado por motivações políticas e econômicas, especialmente nas cenas em que Colombo demonstra poder de persuasão e controle dos grupos humanos com que se defronta, sejam indígenas ou europeus.

Diante desse comportamento, fatos e personagens da conhecida história da viagem de 1492 recebem novos e intrigantes tons na refiguração proposta pelo romancista

argentino. O narrador ora assume uma perspectiva extradiegética para fornecer um panorama distanciado dos eventos registrados, ora assume uma perspectiva homodiegética para instalar-se na mente do próprio viajante protagonista e revelar suas expectativas e motivações históricas correspondentes aos registros de seus feitos.

No limitado espaço oferecido no interior da nau Santa Maria, o espaço psicológico de Colombo é ampliado e, nesse cenário, nos é dado a conhecer, através de uma narrativa homodiegética, a sua forma única de ver e perceber o mundo daquela época. Assim, ao nos defrontarmos com o Colombo ficcional de Levinas, nos deparamos com um ser de raciocínio apurado e conhecedor das mais diversas áreas do conhecimento cultivadas nesse período, delineando possíveis conhecimentos adquiridos anteriormente à realização da primeira viagem, como os textos de D'Ailly, Ptolomeu, Toscanelli e Marco Polo, referências que, no romance, surgem apenas para ludibriar a tripulação, confundindo-a com dados cartográficos que iam sendo desmentidos a cada légua a mais percorrida. Nesse ínterim, o Colombo de Levinas se preocupava mais com o tempo do que propriamente com suas fontes cartográficas e relatoriais:

Colón tomó el reloj y con la madera gruesa que sostenía las ampollas, golpeó la cabeza del medidor, del tiempo, pero eso no fue suficiente para matarlo. El sonido del golpe se oyó mucho menos que el mar. El hombre cayó desvanecido. Todavía podía ahorcarlo y hacer que muriese de ese modo. Sorprendido de si mismo, volvió a su mente el olor de la bodega. Los olores del tiempo. Apoyó con suavidad el rudimentario reloj en el piso. Igual, una de las ampollas había estallado al dar con la madera, se había roto en tres pedazos y sus granos se desparramaron. El aroma del tiempo... Podía olerlo. La ampolla quebrada... ¿había guardado la arena del pasado o había atesorado un futuro por caer sin lograr atravesar la estrecha garganta del presente? Quería saberlo. Era las arenas del pasado (LEVINAS, 2001, p. 93).

Por vezes, a narrativa de Levinas nos revela um Colombo como um ser atormentado pela passagem do tempo e o desencontro das terras, o que sobressaltava gradativamente a tripulação. Portanto, a sua ambição entra em conflito direto não só com seus marinheiros, mas, também, com esse inimigo invisível que é o tempo que ele não pode controlar com suas medidas intencionalmente equivocadas, fazendo dele um navegador atormentado pelos segundos a que todos estavam submetidos, perante uma viagem traçada ao ritmo da “arena caída de un reloj” (LEVINAS, 2001, p. 28).

Contudo, o personagem de Levinas mostra-se astuto para saber que evidentemente era mais fácil enganar a tripulação pela medição do espaço percorrido do que pela contagem dos dias. Contribuía para o seu plano, a conhecida monotonia da travessia do Atlântico, figurada no diário histórico pela segura do clima e pelos períodos intercalados

nos registros, e que, no romance, acaba por adquirir um tom contíguo a manipulação das rotas. Diante desse conflito manipulativo entre os marinheiros, o almirante ficcional da narrativa de Levinas encontra consolo no vinho e nos sonhos de glória, impacientando-se a cada instante que passava, a ponto de cometer crimes para que não fosse revelada à tripulação a verdade sobre o prolongamento das distâncias percorridas e para manter a crença de que o prolongamento do tempo de viagem se devia à falta de bons ventos:

Hasta ese momento, a Colón no le había preocupado el tiempo como le había preocupado el espacio o más bien, las distancias que se someten a él. En la bodega sintió un resquemor de que aquel marinero y su compañero hubiesen comprendido. Sospechaba. El hombre de pronto se agachó. Buscó un papel en una carpeta apoyada en una columna rectangular de la bodega. Colón temió que, al mostrárselo, confirmara su sospecha. La medición del tiempo involucraba el espacio recorrido. Presentía que era posible que aquel sujeto, con el fin de complacerlo, revelara allí mismo la verdadera distancia de la que hallaban de España (LEVINAS, 2001, p. 84).

Nesse romance refigurativo, o narrador se aproxima do personagem perspectivado por dados históricos e semânticos das fontes, aproximando-se efetivamente dos problemas relacionados ao conteúdo do diário de Colombo, como, por exemplo, quando o narrador anuncia que “en su *Diario* reconoció, imperturbable, una mentira, como tantas otras [...] Pensaba su *Diario* como una crónica fiel de todo aquello que le viniese en gana contar, que le conviniera referir. [...] y también una crónica infiel, que incluía muchas mentiras, un novedoso género del relato” (LEVINAS, 2001, p. 110).

O narrador, em terceira pessoa, extradiegético e onipresente, ao nos apresentar um Colombo angustiado, característica que vemos estampada explicitamente nas páginas iniciais do romance e implicitamente nos *Diários*, consegue abarcar todo um contexto histórico e contrastar o modo convencional de pensar no final do século XV, principalmente ao remeter-nos ao calor das muitas situações vividas no interior da embarcação: “A medida que las naves se adentraban, sus tripulantes se asombraron de la existencia de tan extraño escenario en médio de esse Mar Océano que hasta entonces había resultado imperturbable en su homogénea acuosidad” (LEVINAS, 2001, p. 84).

Perseguindo a história em diferentes escalas, o narrador relata fatos através de um coeso emaranhado de dados históricos e imaginários. Sendo assim, já nas primeiras páginas do romance, o narrador demonstra sua capacidade inferencial ao sustentar a possibilidade da existência da lenda do piloto anônimo, que aflora e ganha vida no romance por meio de um diálogo entre Colombo e Felipa (sua esposa): “El propio piloto, digo yo, me señaló rutas y rumbos [...] a mi - los tienes guardados en nuestra casa [...]”

(LEVINAS, 2001, p. 27-28). Por tantos segredos históricos que naturalmente podiam desassossegar a vida de Colombo, no romance o navegador se vê, de repente, plenamente perturbado, principalmente quando vê seu maior segredo descoberto entre os marinheiros: a medição falsificada do espaço-tempo.

Para não espalhar a notícia, o almirante não hesita em cometer o primeiro crime a bordo da Santa Maria. O marinheiro Zuñiga é a sua primeira vítima, pois foi um dos primeiros que percebeu que os cálculos divulgados pelo almirante sobre a viagem e o tamanho da terra eram falsos. Tal marinheiro era conhecedor de algumas das teorias básicas que discutiam o tamanho da terra no final da Idade Média em toda a Europa. Seu conhecimento leva-o a desconfiar das informações que Colombo repassa à tripulação dia a dia, sendo por isso sacrificado não antes de compartilhar sua desconfianças com outros marinheiros: “Había hecho bien en matar Zúñiga ahora no se arrepentía de estar en el aquel lugar de la tierra, [...]” (LEVINAS, 2001, p. 101).

Desse modo, o narrador da obra nos vai mostrando um Colombo completamente obcecado, incapaz de abandonar suas ideias e crenças, prestes a cometer outros crimes para salvaguardar seus segredos e ambições. Sua segunda vítima foi o personagem Ramiro, o companheiro de Zuñiga que também era um dos que possuíam a habilidade de fazer uma mínima medição do espaço-tempo a bordo: “Planear esa segunda muerte comenzaba a acercarlo a una costumbre: adquiriría cierta experiencia en asesinar. Dimensionó la importancia de su secreto y decidió sacrificar a la víctima. [...]” (LEVINAS, 2001, p. 93). Mais adiante, o narrador nos revela: “De cualquier manera sabía que el medidor del tiempo no haría nada, incapacitado de imaginar sus vacilaciones a propósito de la vida y la muerte” (LEVINAS, 2001, p. 93).

Para entendermos a presença mais profunda desses assassinatos na narrativa, basta tomá-los como a fúria de Colombo contra o tempo, sentimento que margeia as possibilidades históricas daquele momento angustiante que deve ter antecipado o encontro das primeiras ilhas americanas. Ao cometer o segundo assassinato, Colombo diminui consideravelmente as chances da tripulação saber com exatidão a hora em Espanha, bem como os dados necessários para estabelecer a distância que os separava do continente europeu. Cabe ressaltar que, como vimos anteriormente, esse segredo fica bastante explícito na leitura dos dados geográficos equivocados do diário histórico. Adentrando ficcionalmente nesse aspecto, Gilmei Francisco Fleck, que se debruçou sobre esse romance, afirma que “Colombo, como fizera diante da primeira vítima, mostra-se mais preocupado com o tempo que com o fato em si. [...]. A capacidade de revelar isso em palavras dá à narrativa um tom poético único: [...]” (FLECK, 2007, p. 139).

Cabe assinalar que, em nossa leitura, a forma utilizada por Levinas para fundamentar o relato ficcional de Colombo dentro de certa probabilidade histórica e historiográfica, foi a de optar por um pacto de leitura já pré-estabelecido e nortear a verossimilhança, ou seja, proceder refigurativamente a um novo enfrentamento do significado entre, de um lado, a história e os registros oficiais que a compõem e, de outro, as ocorrências, as condições e as representações ficcionais dos fatos sucedidos. É no cruzamento entre imagens históricas e ficcionais que se dá o processo de reelaboração e reconstrução narrativa dos eventos passados, em constante questionamento das ‘verdades históricas’, “porque nadie podía conocer ese pasado que era el presente de Colón, solamente él” (LEVINAS, 2001, p. 129).

Na viagem de regresso, mais exatamente em fevereiro de 1493, em meio a uma terrível tempestade, Colombo sente-se julgado, pois “nada podía ser tan feroz con los secretos” (LEVINAS, 2001, p. 333). Nessa tempestiva cena de autocrítica, o personagem e narrador da obra, num ato de desespero perante o risco de morrer e nunca poder contar ao mundo o que viu, ele “echó al mar unos pergaminos...” (LEVINAS, 2001, p. 337), quando nos é dado a conhecer que “lo que en realidad hizo fue consumir su confesión...”. Curiosamente, tal episódio em que Colombo lança seus primeiros escritos ao mar realmente aparece registrado no *Diario* do Almirante, acontecimento relativo ao dia 14 de fevereiro de 1493, conforme a edição sevillhana de Consuelo Varela (1996).

No epílogo do romance, o narrador anuncia que “en esos papeles, el Almirante admitió haber llegado a un nuevo continente y confesó sus crímenes [...]. También reveló, de manera rotunda, su intención de continuar al gran engaño hasta su muerte” (LEVINAS, 2001, p. 376). O narrador do romance se revela, portanto, como um historiador crítico a revisar e recompilar o manuscrito perdido que fora lançado por Colombo ao mar dentro de uma garrafa, durante a tempestade de regresso. Tal manuscrito, segundo o narrador, foi encontrado e está à disposição dos historiadores por meio de suas narrativas.

Sua tarefa resulta na reescritura verossímil e indiciária do primeiro diário privado do almirante, que é justamente o romance que temos em mãos, contrapondo, assim, os significados lexicais do registro oficial. Nesse interessante jogo narrativo, o narrador do romance empreende uma ideia de veracidade histórico-ficcional, pois nela, além das confissões, se fundamenta, também, uma outra faceta das ações de Colombo, pelo menos a mais importante e óbvia para a obra, que é “la del mayor crimen, mi obsesión. Propongo para esas tierras el nombre de...” (LEVINAS, 2001, p. 386).

A partir de um processo de refiguração narrativa, o narrador sugere, com seu relato ficcional, a representação do diário privado do almirante, cujo resultado deve ter “o

mesmo valor concedido ao *Diário* de bordo recompilado por Las Casas no passado, pois tal valor pode ser atribuído pelo leitor” (FLECK, 2007, p. 144). É evidente que a ficção histórica não é história e não deve, portanto, ser julgada como tal, mas pode percorrê-la rigorosamente caso seja essa sua intenção. O próprio Levinas indica esse posicionamento, alegando seu trabalho representacional sobre hipóteses fundamentais de investigação: “Mi intención fue elaborar dos o tres hipótesis fundamentales, y en tal sentido me apoyé en los datos ‘inobjetables’ que me brindaba la propia historia oficial” (LEVINAS, 2009, p. 97).

Diante dessas poucas, mas importantes hipóteses fundamentais, a criação romanesca de Levinas obedece, por vezes, a informações históricas e semânticas que a aproxima dos rigores da investigação histórica. Afirmamos, sobretudo, que há, aqui, uma híbrida operação no romance, em que uma está regida por uma série de procedimentos analíticos, fiéis e exatos, podendo ser comprovados através da documentação existente, enquanto a outra é dominada pela interpretação indiciária, pela inferência, pela imaginação produtiva construída pelo romancista, que olha criativa e documentalmente para o passado como quem dele foi gerado.

Nesse romance de Levinas, a obsessão de Colombo, tem no narrador da obra seu repórter onisciente, que além de saber de tudo, decide como relatar os fatos de acordo com seu próprio procedimento indiciário e olhar investigativo. Nesse sentido, sabemos que Natalie Davis (1987), por exemplo, argumenta que o historiador pode e deve preencher as lacunas existentes entre as fontes por meio de imaginários e formas de pensar fundamentados a partir delas, de modo a evidenciar as contiguidades das informações registradas.

Dentro dessa perspectiva, a faculdade da história é impossível sem a capacidade imaginativa do historiador: o factual e o fictício convergem-se nitidamente. Trata-se de uma reconstrução da história que é, sobretudo, literária. Paul Ricoeur, referindo-se à potencialidade heurística da linguagem poética regida pela metáfora, realça que:

A linha diretriz é aqui a relação entre as duas noções de uma função heurística e a redescoberta que ocorre mediante a transferência desta ficção para a realidade. Eis o duplo movimento que também encontramos na metáfora, porque <<uma metáfora memorável tem o poder de reunir dois domínios separados numa relação cognitiva e emocional, utilizando a linguagem diretamente apropriada para um como uma lente para ver o outro...>>. Graças ao desvio pela função heurística, percebemos novas conexões entre as coisas. A base desta transferência é o isomorfismo presumido entre o modelo e o seu domínio de aplicação. É este isomorfismo que legitima a <<transferência analógica de um vocabulário>> e que permite a uma

metáfora funcionar como um modelo e <<revelar novas relações>> (RICOEUR, 2013, p. 95-96).

De acordo com tal premissa, o próprio autor questiona: “Asociamos ‘ficción’ con algo imaginado, pero ¿en qué medida el escritor describe solamente ficciones y el historiador solamente hechos? Pensemos que [...], siempre es posible asociar un mismo efecto a diferentes causas” (LEVINAS, 2009, p. 98). Sendo assim, se o documento não esclarece, ele pode, ao menos, se desdobrar em suas malhas significantes, utilizando as estruturas imagéticas e verbais para dar corpo às ideias e às vontades que também são históricas.

Com tal romance de Levinas, compreendemos que o personagem Colombo sentiu um desejo irreprimível de manipular os registros do tempo passado, principalmente para ter a possibilidade de intervir nos eventos que seriam determinantes na história do velho e novo continente:

Le fascinaba el poder que suponía tergiversar los hechos, imponer como si fuera Historia lo imaginado por encima de lo sucedido. A veces pensaba que el pasado no existía y que el tiempo era sólo futuro. [...] Él mismo, al mando de una expedición a las Indias, podría intervenir sobre el tiempo de modo tal que cuando los hombres lo recordaran, se verían obligados a concebir un falso pasado, creado por él, forjado por él (LEVINAS, 2001, p. 53-54).

Na obra *El último crimen de Colón*, portanto, Colombo nos conta o que escreveu e as coisas que omitiu, manipulando toda sua tripulação. A refiguração promovida para evidenciar esse ato é constituída não somente pelos dados ausentes na configuração do registro (como na ausência do registro de brigas e motins), mas dos sentidos possíveis desdobrados a partir dos cálculos anotados, dos conceitos e do vocabulário presente no *Diário*.

Tendo a primazia da distância, o leitor, por sua vez, pode estabelecer um olhar mais ponderado sobre os registros e seus significados possíveis, de modo a compreender melhor os pontos referenciais e linguísticos em jogo na interpretação dessa e outras fontes escritas, visto que, como dito pelo próprio narrador do romance, “Hay algo que a Dios no le es dado hacer. Es algo único, debéis saberlo, y se refiere al pasado. Dios no puede cambiar el pasado” (LEVINAS, 2001, p. 386).

Tudo é passível de ser historicizado ou de ser expresso narrativamente, para tornar-se, enfim, literatura. Mas, levando em conta que partimos do pressuposto de que não é viável buscar no passado o que realmente aconteceu, já que tudo o que sabemos está imbuído de aspectos volitivos, é preciso perceber, por outro lado, a heurística contida

na criatividade literária, no sentido de perceber os sentidos novos que sugere ao reconstruir interpretativamente as ações passadas. Inclui-se, nesse processo, a criatividade do leitor que continua o processo de refiguração dos registros, por sua vez, já reinseridos e reescritos novamente, só que agora em romances: “Quizás sea en este tipo de novelas – [...] – donde el lector es más activo y hace uso de su propia creatividad. Está en el lector recrear un pasado lleno de intrigas, susceptible de ser interpretado de muchas maneras” (LEVINAS, 2009, p. 104).

Por fim, percebe-se, no diário ficcional representado no romance de Levinas, os conflitos interiores de Colombo, seja envolvendo sua psicologia, o seu relato ou o interior de sua nau. Trata-se do embate do significado do mundo público que reverbera nas práticas individuais desse navegador que, com suas (des)medidas e alucinações, tornava-se, posteriormente, parte de um problema social, cultural e filosófico, desdobrando, na literatura subsequente que o refigura, a tensão de suas palavras e suas imagens na representação do mundo.

Em síntese, “A figura, os feitos e os registros do almirante têm essa característica peculiar de proliferar imagens opostas” (FLECK, 2008, p. 120). Ao nos oferecer um Colombo astuto, mas temente a Deus, Levinas, bem como outros escritores, nos fornece uma experiência histórico-ficcional que implica não só na evolução diária da vida pessoal de Colombo, com suas pequenas amarguras e alegrias cotidianas, mas nos grandes acontecimentos que abalam a consciência histórica de seus contemporâneos.

Referências:

- AÍNSA, Fernando. La invención literaria y la reconstrucción histórica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 12, 1993, pp. 11-26.
- CARPENTIER, Alejo. *El arco y la sombra*. Madrid: Siglo XXI, 1979.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. 333 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.
- FLECK. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, 2007, pp. 149-167.
- FLECK, Gilmei Francisco; MACHADO, Douglas William. Configurações heroico/míticas de Cristóvão Colombo na literatura, *Guavira Letras*, Três Lagoas/MS, n. 20, 2015, pp. 199-207.
- GIL, Juan. Libros, descubridores y sabios en la Sevilla del quinientos. In: (org.). *El*

libro e Marco Polo anotado por Cristóbal Colón. El libro de Marco Polo en la versión de Rodrigo de Santaella. Madrid: Alianza Editorial, 1987, pp. I-XIX.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad. Gilson C. C. de Souza. São Paulo: EdUSP, 1996.

GRUTZMACHER, Łukasz. *¿El Descubridor descubierto o inventado? Cristóbal Colón como protagonista en la novela histórica hispanoamericana y española de los últimos 25 años del siglo XX*. Varsovia: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos, 2009.

HEERS, Jacques. *Cristóbal Colón*. Trad. José Esteban Calderón y Ortiz Monasterio. México: FCE, 1992.

LEVINAS, Marcelo Leonardo. Acerca de la novela histórica: El último crimen de Colón y la construcción de un juego riguroso y arriesgado. In: ALVES, L.; FLECK, G. (orgs.). *Confluências: ficção, história e memória na literatura latino-americana contemporânea*. Cascável-PR: Ed.Unioeste, 2009, pp. 96-108.

LEVINAS, Marcelo Leonardo. *El último crimen del Colón*. Buenos Aires: Taurus, 2001.

RESTALL, Matthew. *Los siete mitos de la conquista española*. Trad. Marta Pino Morno. Barcelona: Paidós, 1992.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 3 vols.

SANCHEZ-BARBA, Mario Hernandez. *Historia del mundo contemporaneo*. Tebar-Flores, 1978.

TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói, RJ: EdUff, 2006.

VAN DER GUCHT, Klara. *Cristóbal Colón: entre historia y ficción*. Una relectura crítica de Diario de a bordo (1492) de Cristóbal Colón e Historia del Almirante (1571) de Hernando Colón a la luz de las investigaciones recientes de Klaus Brinkbäumer y Clemens Höges. 58 p. Tot het bekomen van de graad van Master in de Taal- en Letterkunde afstudeerrichting Frans-Spaans. Faculteit Letteren en Wijsbegeerte Blandijnberg, Universiteit Gent, 2013.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón y la construcción de un mundo nuevo - Estudios, (1983-2008)*. Santo Domingo: Archivo General de la Nación, 2021.

¹Partindo dessa ideia, nos aproximamos de Paul Ricoeur (2010) que, como vimos, define três etapas distintas de mimesis do mundo, etapas distintas que são, porém, complementares e sistematizam um processo de construção da narrativa histórica e literária que se inicia com a prefiguração, etapa na qual a narrativa é vista a partir dos elementos que advêm das experiências e visões particulares de um narrador, que, por sua vez, pertence a uma coletividade cultural e histórica.

²A produção estadunidense sobre a figura nacionalista de Colombo inclui produções na lírica, no drama e na prosa: “Na lírica podemos destacar as seguintes obras: - *America discovered: a poem in twelve books* - anonymous (1850); *American patriotism, for home and school* - Henry B. Carrington (1892); *Kristopherus: the Christ bearer. A Columbus ode for school-tablet and declamation use* - anonymous (1892); *The song of America and Columbus or The story of the New world: a greeting to Columbus and Columbia, and*

descriptive narrative of the voyages and career of Columbus and the precursors of his great discovery, with the sequel as seen in the United States, in celebration of the Four-Hundredth anniversary of the discovery of America by Columbus: 1492-1892 - Kinahan Cornwallis (1892); *Columbia. An epic poem on the late Civil War between northern and southern states of North America* - Frank C. Algerton (1892); [...]" (FLECK; MACHADO, 2015, p. 200).

³Em seu estudo sobre o tema, Gilmei Francisco Fleck faz um grande levantamento de obras que compartilham dessa mesma temática no âmbito americano, desde a América do norte até a América hispânica: "Entre elas estão as obras: *Isla Cerrera* (1937), de Manuel Méndez Ballester; *El ocaso del quinto sol* (1978), de Adela Irigoyen; *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier; *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo; *Crónica del descubrimiento* (1980), de Alejandro Paternain; *La comedia española* (1982), de Jaime Silva; *Los perros de paraíso* (1983), de Abel Posse; *Vida y tiempos de Juan Cabezón de Castilla* (1985), de Homero Aridjis; *Cristóbal Nonato* (1987), de Carlos Fuentes; *Memorias del Nuevo Mundo* (1991), de Homero Aridjis; *Las puertas del mundo* (1992), de Herminio Martínez; *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; *El libro de los descubrimientos* (1992), de Gonzalo Ramírez Cubillan; *Cristóbal Colón: vida y pasiones de un descubridor* (1992), de Arnoldo Canclini; *Colombo de Terrarrubra* (1994), de Mary Cruz; *La segunda muerte de Colón* (1999), de H. B. Eduardo; *El último crimen de Colón* (2001), de Marcelo Leonardo Levinas; *El Conquistador* (2006), de Federico Andahazi; *La tumba de Colón* (2007), de Miguel Ruiz Montañez. No universo literário norte-americano: *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper; *Columbus* (1875), de Rafael Sabatini; *Columbia: a story of the discovery of America* (1892), de John R. Musick; *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois; *The road to Granada: a story of adventure in the days of the Moorish wars in Spain* (1931), de Arthur Strawn; *The son of Dolores* (1945), de Ida Mills Wilhelm; *To the Indies* (1949), de Cecil Scout Forester; *The velvet doublet* (1953), de James Street; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe; *1492: a novel of Christopher Columbus and his world* (1990), de Newton Frohlich; *The crown of Columbus* (1991), de Michael Dorris e Louise Erdrich; *The heirs of Columbus* (1991), de Gerald Vizenor; *Bay of arrows* (1992), de Jay Parini; *The discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his wife's version* (1994), de Paula Di Perna; *The Aztec chronicles: the true history of Christopher Columbus as narrated by Quilaztli of Texcoco* (1995), de Joseph P. Sánchez; *Pastwatch: the redemption of Christopher Columbus* (1996), de Scott Card Orson; *The accidental Indies* (2000), de Robert Finley; *The daughter of Christopher Columbus* (2000), de Réjean Ducharme" (FLECK; MACHADO, 2015, p. 201).

⁴Professor de Filosofia e Doutorado em Física. Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET), Argentina. Professor Titular de História Social da Ciência e Tecnologia da Universidade de Buenos Aires (UBA). Ex-Diretor do Departamento de História da UBA. Possui cerca de 50 artigos científicos em Física Teórica e Filosofia e História da Ciência, além de ser escritor de novelas.

Artigo recebido em 11/09/2022

Aceito para publicação em 11/11/2022